

CARTOGRAFIAS DA PALAVRA CANTADA

A interface literatura/música no espaço da crítica cultural contemporânea

Aluno: Adriana Sucena Maciel

Orientador: Júlio Diniz

Introdução

A música popular se apresenta como uma das mais instigantes e reveladoras representações das diversidades culturais, econômicas, sociais e políticas do Brasil. A palavra cantada constitui um dos mais expressivos resíduos textuais na cartografia dos registros da cultura brasileira contemporânea. Sua representação ultrapassa o domínio da musicalidade/sonoridade e entra nos caminhos da chamada crítica *cult*. Para a vertente culturalista dos estudos de literatura atuais é fundamental a busca de novos mapas que problematizem, a partir da canção popular urbana, a leitura da palavra cantada. As noções de significado, sentido e interpretante vêm ganhando novos contornos e redefinições, a literatura e a música promovem uma cadeia de relações comunicativas, uma rede de processos interativos complexos, e que, se relacionados, proporcionam um material rico para o novo quadro teórico-crítico que se apresenta.

Objetivos

Mapear e discutir a poética constituída na interface literatura/música; analisar criticamente as representações musicais brasileiras; investigar todo o processo, desde sua produção até a recepção, das manifestações artísticas que incluam a palavra cantada; problematizar a canção brasileira urbana a partir do que a constitui: letra, música, performance, intérprete e ouvinte; e configurar as grandes forças constitutivas de uma nova arquitetura da canção urbana.

Metodologia

No primeiro momento da pesquisa, foi feito um levantamento de material significativo já publicado sobre música no Brasil: livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado, artigos publicados em revistas e sites. É um vasto material que mostra a dimensão da importância da música em nosso país, a diversidade de enfoques que ela possibilita, e, se separado por épocas, nos dá a medida do que é mais relevante, nesta área, para cada momento histórico. A pesquisa foi feita através da internet, de bibliotecas e de acervos pessoais, e abrange a maior parte do que foi produzido de meados do século XX até hoje. Neste material pesquisado também estão incluídos *songbooks*, que trazem, muitas vezes, entrevistas e dados biográficos importantes sobre os compositores. Os livros didáticos e técnicos não foram catalogados por terem função muito restrita. Do material recolhido nesta pesquisa será feito um Catálogo Bibliográfico de Música, destinado a pesquisadores e interessados no assunto.

Mapear a produção crítica em música no Brasil nos fornece, por um lado, dados concretos sobre a dificuldade de leitura da música popular brasileira, o viés musicológico não é capaz de abranger o diálogo cultural que a música proporciona; e por outro, são percebidos claramente os caminhos que começam a se apresentar, com novos espaços. A crise de representação da pós-modernidade torna possível trazer para o centro da cena o que permaneceu sempre à margem, torna possível ler a música popular como mercadoria intelectual relevante, e isso transparece na sua produção crítica.

Os livros que fazem parte do catálogo foram escritos por músicos, compositores, críticos, ensaístas, intelectuais, pessoas que pensam criticamente a música, sua relação com a história e sociedade ou pessoas que fizeram ou fazem parte direta ou indiretamente da produção musical no Brasil. Alguns autores são objetos de livros em todas as épocas, um

exemplo é Villa Lobos, autor pesquisado em diferentes partes do país e em diferentes épocas, até hoje segue o interesse por este artista e ainda se continua a produzir pensamento sobre sua obra.

A pesquisa teve como foco as obras editadas a partir do meio do século vinte, e de lá para cá, os assuntos abordados foram se ampliando. De início, os livros enfocavam mais especificamente artistas. Carmen Miranda, por exemplo, é objeto de diferentes obras até hoje, ou falavam sobre a história da música popular e ou folclórica de forma generalizada. Mário de Andrade tem uma importante obra sobre música brasileira, talvez a maior, que abrange diferentes temas, como coco, modinhas, melodias de boi, além de outros livros sobre diferentes aspectos da música no Brasil, ele também é autor de um Dicionário Musical Brasileiro, a pesquisa mostrou-nos que existem vários deles, de diferentes autores e épocas.

Também foram vários os autores que escreveram a História da Música Popular Brasileira, e interessante encontrar entre as enciclopédias, uma Enciclopédia da Música Brasileira Sertaneja, o que mostra a força deste tipo de canção. Encontramos um Dicionário da Música do Rio Grande do Norte, escrito por Leide Câmara, na intenção de registrar e dar singularidade à música produzida em seu estado. Os livros são, antes de mais nada, memória.

Os livros de Bruno Kiefer, *História da música brasileira dos primórdios ao início do Século XX* e *A modinha e o lundu: duas raízes da música popular brasileira*, trazem de volta a memória do início de nossa história musical.

As diferentes décadas e estilos musicais que as definem, no século XX, estão bem representados. O samba talvez seja o assunto mais explorado, por ter tão diversas possibilidades de abordagem e de execução, o terreno para pesquisa é imenso e bastante fértil. E tem sido bem explorado, como nos exemplos a seguir. Muniz Junior fala do batuque às escolas de samba, faz um panorama do samba santista, e dedica um livro aos sambistas. Nei Lopes mergulha no samba do Rio de Janeiro e o apresenta em *Lapa - Irajá: casos e enredos do samba* e *O Negro no Rio de Janeiro e sua Tradição Musical: Partido-Alto, Calango, Chula e outras Cantorias*. Muniz Sodré escreve sobre o samba, com outro enfoque, um livro com o belo título de *Samba: o dono do corpo*. Compositores sambistas ganham inúmeras biografias, como, por exemplo, Noel Rosa, Cartola, Ismael Silva, Pixinguinha e Assis Valente. Grandes intérpretes do rádio também ganharam sua biografia, entre eles, Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Lupicínio Rodrigues, que além de biografias, recebeu de Maria Matos e Fernando Farias um estudo: *Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues : o feminismo, o masculino e suas relações*.

Muito se escreveu e ainda se escreve sobre bossa nova, estilo que se tornou mundialmente conhecido, é objeto de crítica especializada desde que apareceu, e nem sempre provocou reações unânimes, ao contrário, a bossa nova gerou bastante polêmica. Há inúmeros livros que contam sua história, debatem seu valor, diversas biografias sobre seus representantes, mas Ruy Castro se destaca em seus trabalhos: *A onda que se ergueu no mar: novos mergulhos da bossa nova* e *Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova*. João Gilberto e seu violão são objeto de estudo de muitos autores, tanto no Brasil quanto fora dele, assim como Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

A jovem guarda tem grande força na década de sessenta, mas não há registros de livros da época, mas sim, publicações recentes como *Jovem Guarda. Em ritmo de aventura*, de Marcelo Fróes – 2000, e *A aventura da Jovem Guarda*, de Paulo de Tarso Cabral Medeiros. Pela força da música na época, é curioso que se encontre tão pouco material.

Nos anos setenta, a tropicália surge com toda força e é grande o material crítico que se produz a partir deste movimento, sobre a MPB. Alguns livros bastante importantes: *Nada será como antes – MPB nos anos 70*, de Ana Maria Bahiana; *Do samba canção à tropicália*, organizado por Santuza Cambraia Naves e Paulo Sérgio Duarte; *A forma da festa – Tropicalismo: explosão e seus estilhaços*, de Sylvia Helena Cyntrão; *Tropicália: Alegoria, Alegria*, de Celso Favaretto e ainda Nelson Motta com *Noites Tropicais: solos improvisos e memórias musicais*.

Ainda sobre a década de setenta, temos Luiz Galvão falando dos Novos Bahianos e passando para Recife, Mundicarmo Ferretti com *Baião dos dois: a música de Zé Dantas e Luiz Gonzaga no seu contexto de produção e sua atualização na década de 70*. O frevo, tão particular, também é assunto no livro de Rui Duarte, *História social do frevo*, e mais atual, o livro de José Teles traz a história *Do frevo ao manguebeat*.

A ditadura e sua relação com a música aparece, por exemplo, em *Sinal fechado — a música popular brasileira sob censura*, de Alberto Moby, e em *Eu não sou cachorro, não: música popular cafona e ditadura militar*, de Paulo César Araújo. Curiosamente os dois livros têm como título canções emblemáticas da época, embora de vertentes opostas.

Os anos oitenta parecem pertencer ao Rock. Artur Dapieve escreve *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*, e Ricardo Alexandre: *Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80*. A produção crítica sobre esta época e sobre o rock brasileiro não é grande, mas Raul Seixas, se destaca e tem sobre sua música e história grande material publicado.

Os anos noventa parecem mais férteis à crítica, e o espaço sobre o qual ela se movimenta parece se ampliar, as atenções se voltam para a indústria fonográfica, para produções populares, é possível encontrar pensamento sério e crítico sobre o que a cultura de massa produz. Alguns exemplos: *Abalando os anos 90 — funk e hip-hop e O funk e o hip-hop invadem a cena*, de Miacel Herschmann; e *Que Tchan é esse? Indústria e produção musical no Brasil dos anos 90*, de Mônica Leme. Sobre a indústria fonográfica, podemos citar: *A indústria fonográfica: um estudo antropológico*, de Rita Morelli.

A partir de 2000, a produção crítica tem aumentado, livros sobre música estão surgindo a todo o momento, com novos olhares sobre nossa história, e muitas biografias de artistas têm sido lançadas. Alguns autores e pesquisadores têm feito um grande trabalho na área musical brasileira e merecem ser citados, são eles Hermano Vianna, que entre seus livros tem *Música do Brasil*, um belo panorama da música; Luis Tatit e seus trabalhos sobre a canção, e sua semiótica; Tárík de Souza, que escreveu sobre diferentes temas da música e tem entre seus livros *Brasil musical: Viagem pelos sons e ritmos populares*, escreveu também sobre samba, Raul Seixas, sobre rostos e gostos da música popular; Vasco Mariz, importante pesquisador musical; e José Ramos Tinhorão, com sua enorme produção crítica sobre a música brasileira. Vale à pena citar também Mário Lago, que além de compor, também escreveu sobre música: *Bagaço de beira-estrada (memórias da Rádio Nacional do Rio de Janeiro)* e *Na Rolanção do Tempo*.

Artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, além de serem objeto de biografias, produzem, eles mesmo, pensamentos críticos sobre sua história e sua obra. As histórias do Clube da Esquina foram contadas por Lô Borges. Dorival Caymmi é um artista que inspirou diversas obras e ainda as inspira, sua obra é fascinante.

A Editora Rio vêm fazendo um trabalho interessante ao apresentar artistas por eles mesmos, alguns livros que saíram: Fernando Brant, Billy Blanco, Dorival Caymmi, Danilo Caymmi, entre outros.

Conclusão

O levantamento da produção crítica sobre música mostrou-se extremamente importante como porta de entrada para a pesquisa. Foi possível traçar um panorama geral de como tem sido visto e retratado o papel cultural da música no Brasil, suas diversas atribuições de sentido e significado, que mudam ao longo do tempo, e que são explicitados nos temas escolhidos como relevantes para pesquisas acadêmicas, para críticos e também para leitores, que mantêm com a música apenas uma relação de fruição.

Foi também possível traçar as diferenças temáticas marcantes de região para região do país, ainda que seja possível perceber interações, cada região elege preferencialmente o que faz parte da sua própria cultura como foco de pesquisa. Mais raros, mas bastante interessantes, são os trabalhos escritos que focam regiões distintas das que os produz. Muitas vezes trazem, por isso, uma nova luz sobre o objeto em questão.

